

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

02. NARRAÇÃO DA CONVERSÃO DE LIBERMANN, Pelo P. Gamon

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 02. NARRAÇÃO DA CONVERSÃO DE LIBERMANN, Pelo P. Gamon. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/23>

This I is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

2. NARRAÇÃO DA CONVERSÃO DE LIBERMANN²⁷

Pelo P. Gamon

Este segundo documento, excepcionalmente, não foi escrito por Francisco Libermann, mas sim pelo seu amigo e confidente, o sulpiciano Gamon²⁸. Libermann escreve-lhe várias cartas importantes, entre elas a de 20 de Março de 1848, a propósito da revolução de Fevereiro de 1848, sobre a Igreja, o clero e as mudanças sociais.

Gamon conheceu Libermann em Issy em 1836-37, durante o ano passado na “Solidão” (noviciado sulpiciano de Issy). Este diretor do seminário Maior de Clermont-Ferrand aproveita a sua passagem pela “Solidão” em 1850 para pedir a Libermann que lhe contasse como foi a sua conversão. Este combina um encontro com ele no Seminário de Espírito Santo, e aí, numa ala discreta ao fundo do pátio, faz-lhe as suas confidências.

Cheio de alegria pelo que ouviu, o P. Gamon, mal chega a Issy, escreve o que reteve de memória. Isso valeu-nos esta narração excepcional, com as marcas duma memória muito viva, motivada pela afeição que tem para com Libermann. Reproduzimo-la na íntegra. É um documento essencial para compreender a conversão de Libermann. O P. Cabon publicou-o em “Notes et Documents” I, 61-68.

“Tinha cerca de vinte anos quando aprouve a Deus começar a obra da minha conversão. O meu pai, que era um rabino distinto, tinha-me feito estudar, até então com ele, a ciência talmúdica. Estava contente com os meus progressos e comprazia-se com o pensamento de me fazer um dia herdeiro da sua função, da sua ciência e da consideração de que gozava junto de seus correligionários. Por essa altura, decidi mandar-me para Metz, para eu lá concluir os estudos. Procedendo assim, propunha-se não tanto levar-me a adquirir uma ciência, que eu podia de certeza obter junto dele, mas sobretudo facultar-me a oportunidade de eu dar a conhecer o meu saber, os meus talentos, e de me

²⁷ ND I, pg. 61-68.

²⁸ Cf. índice onomástico.

Antologia Espiritana

fazer notado entre os rabinos, que iam em grande número formar-se nessa cidade. Deu-me cartas de recomendação para dois professores da Escola israelita, um dos quais tinha sido seu aluno e outro era seu amigo. É aí que começo a sentir em mim a ação misericordiosa da Providência. Deus, que queria arrancar-me do erro em que eu estava mergulhado, dispôs o meu coração, fazendo-me experimentar aborrecimentos e recusas, que eu estava longe de esperar. O rabino que tinha sido aluno de meu pai e que na minha família sempre era tratado como filho, recebeu-me com uma altivez e um desdém que me feriram profundamente e me levaram, desde os primeiros dias, a nem querer vê-lo mais. O outro, um ancião respeitável, no início ainda se interessou por mim, mas isso durou pouco. Eu queria instruir-me, e por isso pus-me a estudar francês e até latim. Foi quanto bastou para perder a boas graças do meu protetor. Os antigos rabinos, devido ao seu fanatismo, tinham um tal horror a qualquer língua que não fosse o hebraico e temiam tanto a sua influência que meu pai, por exemplo, não sabia escrever nem alemão nem francês. O meu novo professor era da mesma escola: foi grande a sua cólera quando se apercebeu que eu não seguia o mesmo caminho. Embora a princípio me não tenha censurado abertamente, começou a mostrar-se duro e preconceituoso para comigo, a tratar-me com maus modos e a falar-me sempre mal-humorado.

A verdade é que eu descurava muito o estudo do Talmude, e o pouco que estudava era só para me livrar de censuras mais amargas e escapar à humilhação que uma ignorância total me teria proporcionado.

Numa situação destas, enchia-me de tédio. Acabei por cair numa tristeza profunda. Esse é o estado que melhor dispõe um coração desencaminhado a voltar-se para o Senhor, e a abrir-se à influência da graça. Até então, tinha vivido no judaísmo de boa fé e sem suspeitar do erro; nessa altura, caí numa espécie de indiferença religiosa que, em poucos meses, deu lugar a uma ausência completa de fé. Mesmo assim, continuava a ler a Bíblia, mas com descon-fiança; os milagres chocavam-me e eu deixei de acreditar neles.

Entretanto, o meu irmão mais velho acabava de se converter ao catolicismo. No início, atribuí a sua decisão a motivos naturais. Pensei que ele estivesse a sentir o mesmo que eu com relação ao judaísmo, mas censurei-o por ter dado uma grande tristeza aos meus pais com a sua apostasia. No entanto, não discuti com ele. Encetámos até, nessa altura, uma correspondência.

Congregação do Espírito Santo

Comecei-a por uma carta, na qual lhe fazia algumas censuras pela sua decisão e lhe expunha os meus pontos de vista sobre os milagres da Bíblia. Dizia-lhe entre outras coisas que a conduta de Deus seria inexplicável se esses milagres fossem verdadeiros; que não se compreendia que Deus tivesse feito tantos em favor dos nossos pais idólatras e prevaricadores, e que agora já os não fizesse em favor dos filhos deles, que o serviam desde há muito em total fidelidade. Concluía rejeitando os milagres como uma invenção da imaginação e da credulidade de nossos pais.

O meu irmão respondeu-me que acreditava firmemente nos milagres da Bíblia; que Deus não os fazia agora por já não serem necessários; que, tendo vindo já o Messias, Deus não precisava agora de preparar o seu povo para o receber; que todos os prodígios do Antigo Testamento tiveram por único objetivo preparar esse grande acontecimento.

Essa carta fez-me grande impressão. Dizia para comigo que meu irmão, no seu tempo, tinha feito os mesmos estudos que eu. No entanto, teimava ainda em atribuir a sua conversão a motivos humanos, e o efeito produzido pela sua carta depressa se desvaneceu. Além disso, a dúvida que se tinha apoderado de meu espírito era demasiado profunda para ceder a um abanão tão fraco. A bondade de Deus preparava-me outros.

Nesse tempo, um de meus discípulos mostrou-me um livro em hebraico não pontuado, que ele não sabia ler porque era um principiante nessa língua. Percorri-o rapidamente. Era o Evangelho traduzido em hebraico. Fiquei muito impressionado com essa leitura. No entanto, também aí os milagres tão numerosos que Jesus Cristo realizava me repugnaram. Pus-me a ler o “Emílio” de Rousseau. Quem acreditaria que esta obra, tão propensa a abalar a fé dum crente, fosse um dos meios de que Deus se serviu para me levar à verdadeira religião? É na confissão do vigário saboiano que se encontra a passagem que me impressionou. Aí, Rousseau expõe as razões por e contra a divindade de Jesus Cristo e conclui com estas palavras: “até agora ainda não tive a honra de saber o que responderia a isto um rabino de Amesterdão”. Perante tal interpelação, não pude deixar de confessar interiormente que não via o que se poderia responder. Tais eram as minhas disposições nesse tempo e, todavia, a obra da minha conversão não avançava muito.

Soube então que dois de meus irmãos, que viviam em Paris, acabavam

Antologia Espiritana

igualmente de abraçar o cristianismo. Isso emocionou-me até ao fundo da alma. Eu tinha o pressentimento de que o mais novo acabaria por fazer o mesmo. Com efeito, graças a Deus, isso aconteceu. Eu amava muito os meus irmãos, e sofria ao pensar no isolamento em que iria ficar ao pé de meu pai. Tinha um amigo que partilhava as minhas disposições em relação à religião. Via-o frequentemente: nossos estudos e passeios eram quase comuns. Ele aconselhou-me a ir a Paris, ver o Sr. Drach, também ele um neo-convertido, e ponderar seriamente o que fazer, antes de assumir os compromissos decorrentes da profissão de rabino (um rabino compromete-se a nunca abandonar a sua religião). A proposta agradou-me; dei-lhe pleno assentimento; mas faltava obter o consentimento de meu pai, e isso não era fácil. Escrever-lhe teria sido o caminho mais direto para o fracasso. Portanto, decidi ir encontrar-me com ele.

Cheguei a Saverne muito cansado da viagem, feita a pé; antes de me expor os seus receios, o meu pai deixou que eu descansasse; ainda o dia não tinha acabado, quando me chama para junto dele. Quer esclarecer as suas dúvidas sem demora. Era fácil: bastaria interrogar-me sobre os meus estudos e em particular sobre o Talmude. As minhas respostas deviam dar-lhe a medida de minha aplicação. Ele sabia perfeitamente que ninguém consegue ludibriar os seus examinadores numa matéria que exige tanta memorização, tanta desenvoltura e tanto treino. O Talmude, se bem que acessível a uma inteligência normal, exige, no entanto, para ser bem entendido e bem explicado, uma mente muito arguta e exercitada. Misturam-se nele, amiúde e do princípio ao fim, humor e subtilezas. Só quem estudou a fundo estas coisas e as retém ainda frescas na memória é que pode responder com a facilidade dum perito. O meu pai fazia parte deste número, e em dez minutos todas as suas suspeitas em relação a mim teriam dado em triste realidade se a bondade divina, que queria converter-me, não viesse como que milagrosamente em meu socorro.

A primeira pergunta que me fez era precisamente uma dessas questões sobre as quais é impossível não mostrar o que se é. Ora, durante dois anos eu tinha negligenciado quase completamente o estudo do Talmude, e o que tinha aprendido tinha-o lido como um aluno desinteressado que só quer salvar as aparências. No entanto, mal ouvi a pergunta, uma luz abundante me ilumina e mostra tudo o que devia dizer. Eu próprio estava completamente surpreso, sem conseguir explicar a facilidade com que dava conta de

Congregação do Espírito Santo

coisas que mal tinha lido. Nem dava para acreditar ao ver a vivacidade e a prontidão com que o meu espírito apanhava tudo o que havia de mais confuso e de enigmático, nesse momento em que a minha viagem ia ser decidida. Meu pai estava ainda mais admirado do que eu; seu coração estava inundado de alegria, de felicidade e de satisfação. Ele achava-me digno de si, e desapareciam, assim, as apreensões que lhe tinham inculcado a meu respeito. Abraçou-me ternamente e inundou-me com suas lágrimas: “Bem suspeitava eu que te caluniavam quando diziam que tu te entregavas ao estudo do latim e negligenciavas os conhecimentos da tua profissão”. E mostrou-me todas as cartas que lhe tinham escrito nesse sentido. À ceia, este bom pai quis agradecer-me e foi buscar uma garrafa do seu vinho mais velho e mais fino para se alegrar comigo pelos meus sucessos.

A autorização para a viagem a Paris não se fez esperar, e apesar das informações que lhe davam de que eu ia lá para me juntar aos meus irmãos e fazer como eles, não acreditou. Deu-me uma carta de recomendação para o rabino Deutz; mas como, por outras vias, eu estava já recomendado ao Sr. Drach, foi a este que me dirigi; no entanto, um pouco mais tarde levei a minha carta ao Sr. Deutz e, para despistar, até lhe pedi emprestado um livro, que lhe devolvi passado algum tempo, e nunca mais o voltei a ver.

Passei alguns dias com o meu irmão e estava muito impressionado por ver a felicidade de que gozava. Mesmo assim, estava longe de me sentir mudado e convertido.

O Sr. Drach conseguiu-me um lugar no colégio Estanislau e levou-me lá. Deram-me um quarto e, para ler, a História da Doutrina Cristã escrita por Lhomond, bem como a História da Religião, do mesmo autor, e deixaram-me sozinho.

Este momento foi extremamente penoso para mim. A visão desta solidão profunda, deste quarto em que a luz do dia entrava só por uma fresta; o pensamento de estar tão longe da minha família, dos meus parentes, da minha terra, tudo me mergulhou numa tristeza profunda: meu coração sentiu-se esmagado por um sentimento de dura melancolia.

Foi então que, lembrando-me do Deus de meus pais, caí de joelhos e lhe pedi com insistência para me esclarecer sobre a verdadeira religião. Pedi-lhe

Antologia Espiritana

que, se a crença dos cristãos fosse verdadeira, mo desse a conhecer, mas, se fosse falsa, me afastasse dela de imediato. O Senhor, que está perto dos que o invocam do fundo do coração, escutou a minha oração. De repente, fui esclarecido, e vi a verdade: a fé penetrou o meu espírito e o meu coração. Pondo-me a ler Lhomond, aderiu fácil e firmemente a tudo o que se contava da vida e da morte de Jesus Cristo. O próprio mistério da Eucaristia, se bem que tão imprudentemente oferecido assim às minhas meditações, não me escandalizava. Acreditava em tudo sem dificuldade. Desde esse momento, nada desejava tanto como ver-me mergulhado na piscina sagrada. Essa felicidade não se fez esperar: prepararam-me intensamente para esse sacramento admirável, e recebi-o na véspera de Natal. Nesse mesmo dia fui admitido à sagrada Mesa. É-me impossível explicar a mudança admirável que se operou em mim no momento em que a água do batismo correu pela minha fronte. Todas as minhas incertezas e temores caíram subitamente. O hábito eclesiástico, pelo qual nutria qualquer coisa daquela repugnância desmedida própria do povo judeu,²⁹ já não se me apresentava assim; passei a gostar dele em vez de lhe ter medo. Mas, sobretudo, sentia uma coragem e uma força invencíveis para praticar a fé cristã: experimentava uma suave afeição por tudo o que dizia respeito à minha nova crença.

Passei um ano nesse colégio, praticando a minha religião com ânimo e alegria. No entanto, lá não estava tanto à vontade como mais tarde no Seminário de São Sulpício. No meio dos bons exemplos que tinha diante de mim nessa casa, encontrei também um jovem que podia ter-me causado muito mal. Por motivos que nunca compreendi, estava continuamente a falar-me da minha conversão como de uma ação que eu tivesse feito com ligeireza e sem motivos. Perguntava-me as razões que me levaram a essa decisão, combatia-as, e, achincalhando-me, acabava por me reduzir ao silêncio. No entanto, o meu coração permanecia firme, e embora não soubesse explicar-lhe bem os motivos da minha fé, sentia que acreditava firmemente.

Em Outubro de 1827 o Sr. Drach foi apresentar-me ao superior de São Sulpício.

²⁹ “Libermann contou-me a este propósito um episódio acontecido em Saverne. Um dia, encontrava-se ele com o pároco desta cidade, num caminho rodeado de muros. O pároco vinha, creio eu, de administrar os sacramentos a um doente; estava com a sobrepelis. De repente, o rabino de Saverne deu de caras com eles. Teve tanto medo do hábito eclesiástico que, não sabendo que fazer, começou a subir o muro para se escapar”.

Congregação do Espírito Santo

O retiro já tinha sido feito. O Sr. Drach começou por dar a conhecer os seus receios em relação à minha saúde; receava que o levantar na comunidade fosse demasiado cedo para mim. O bondoso P. Garnier respondeu sem mais que nesse caso era melhor não vir para o seminário. O meu apresentador acrescentou ainda que eu dominava perfeitamente o hebraico, mas que era muito menos forte a latim. “Os cursos de teologia fazem-se em latim e não em hebraico”, respondeu prontamente o P. Superior. Estas duas respostas provocaram-me algum receio; no entanto, não me desanimaram. Mais tarde pude muitas vezes experimentar quanta bondade de coração se escondia sob essa rigidez aparente.

A minha entrada no seminário de São Sulpício foi um tempo de bênçãos e de alegrias para a minha alma. Deram-me como conselheiro o Sr. P. Georges, hoje bispo de Périgueux. A grande caridade com que desempenhava a sua função confundia-me e fazia-me amar cada vez mais uma religião que inspira sentimentos tão maravilhosos e de tanta afeição. Depois, aquele silêncio que se guarda tão bem no seminário, aquele recolhimento interior que se pressente em todas as pessoas, e que é como que a imagem de marca de quem vive nesta santa casa: tudo isso me fazia o maior bem; sentia-me como se fosse outro: respirava fundo. Apenas uma coisa me faltou nos começos, pois ignorava completamente como fazer oração. Apesar do que disse antes em relação ao P. Garnier, ele autorizou-me sem dificuldade a levantar-me depois dos outros, mas por via disso via-me privado das repetições e explicações que se fazem ao sábado. Não sabendo fazer melhor, pegava no meu manual de oração e fazia as minhas orações, repetindo sucessivamente aquilo que estava indicado nas instruções do método. Este exercício aparentemente tão penoso tornou-se-me agradável pela ação da graça, e foi muito benéfico para mim. Pela Páscoa, pude começar a levantar-me com os outros, ouvia as explicações de sábado, e desde então passei a fazer a oração com mais facilidade e com mais fruto.

Assim decorreram os meus primeiros anos de seminário. Tudo caminhava segundo os meus desejos, quando, pouco antes de receber o subdiaconado, fui acometido de violentos ataques nervosos. Adiaram a minha ordenação, e o Sr. P. Superior enviou-me para Issy, com a esperança de que o ar do campo me fizesse bem. Aí fiquei até 1837”.

“A narração de Libermann acabou aqui. No entanto, fiz-lhe ainda algumas perguntas, às quais respondeu com a maior simplicidade. Em seguida,

Antologia Espiritana

contentíssimo pelo tesouro que acabava de descobrir, retirei-me pensando nos caminhos admiráveis da Providência, que assim tinha preparado de longa data o fundador de uma nova Congregação. Mal cheguei a Issy, escrevi o que tinha ouvido, e, hoje, estou feliz por não ter deixado enfraquecer as minhas impressões nem apagar as minhas recordações”. (P. Gamon)